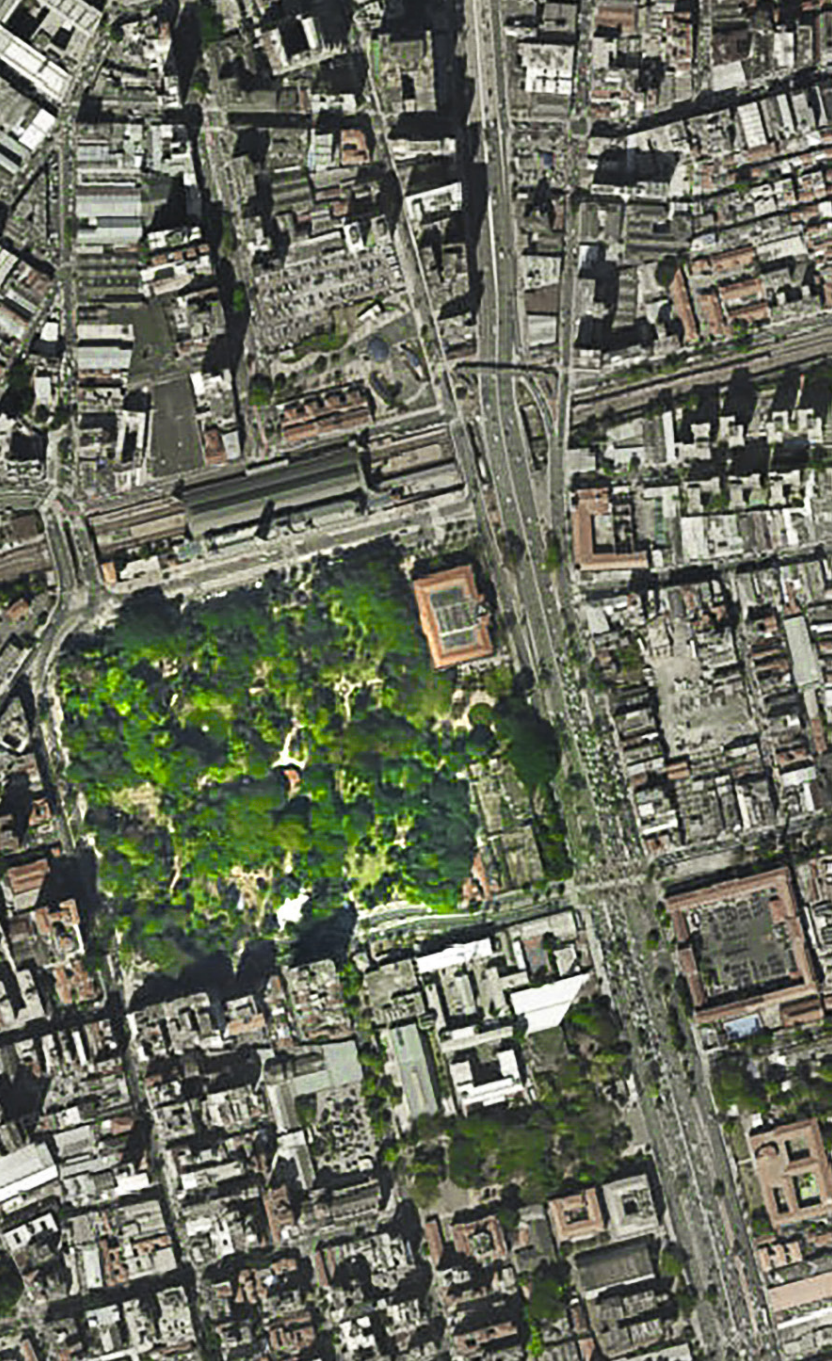




Sou deste lugar
como as árvores
e as casas

LIGA DE CAMINHANTES 3
METAMORFOSÆR O ESPAÇO

do Tamanduateí ao Parque da Luz

Sesc CPF

2025

Adília. Lopes
Estar em casa
Assírio & Alvim
2018



© Nadia Fagundes

Introdução ao deserto e ao naufrágio

1. se ao caminhar no deserto
perceber a possibilidade de uma cordilheira
sob seus pés, emergindo,
então o que de fato percebe
é o seu coração

Daniel Francoy
O livro do Martim
Ed. Jabuticaba, p. 49
2022



Paisagem “não é nem pura representação nem simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista”

“A paisagem é o lugar de uma troca em duplo sentido entre o eu que se objetiva e o mundo que se interioriza”

Michel Collot
Poética e filosofia da Paisagem.
Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p. 18, p. 89
2013.



© Lucia Ishikawa



"Não há oposição entre o vivo e o não vivo. Todo ser vivo não apenas está em continuidade com o não vivo, mas ele é seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema."(p.16)

Emanuele Coccia
Metamorfoses
Rio de Janeiro: Editora Dantes
2020



"Pensar na relação entre essa multiplicidade de formas em termos de metamorfose, e não em termos de evolução, progresso ou de seus opostos, não é apenas libertar-se de qualquer teleologia. Isso significa também, e acima de tudo, que cada uma dessas formas tem o mesmo peso, a mesma importância, o mesmo valor: a metamorfose é o princípio da equivalência entre todas as naturezas e o processo que produz essa equivalência. Cada forma, cada natureza vem do outro e representa seu igual. Cada um deles existe no mesmo plano. Eles têm o que os outros têm em comum, mas de modos diferentes. A variação é horizontal." (p.19)

Chamamos de metamorfose essa dupla evidência: cada ser vivo é em si mesmo uma pluralidade de formas, simultaneamente presentes e sucessivas, mas cada uma dessas formas não existe de maneira verdadeiramente autônoma, separada, pois cada qual se define em continuidade imediata com uma infinidade de outras antes e depois dela mesma. A metamorfose é, a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultânea e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma para outra. (p. 20)

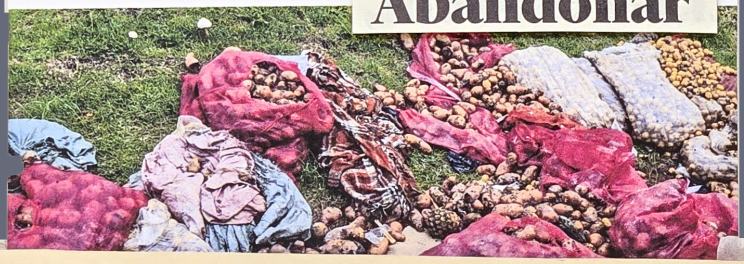
Emanuele Coccia
Metamorfoses
Rio de Janeiro: Editora Dantes
2020


COMPOSTAGEM ORGÂNICA



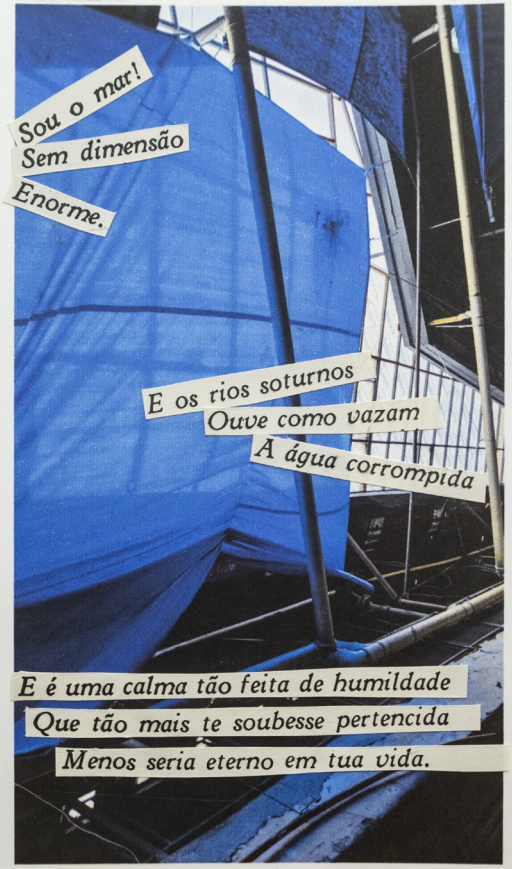
Política

Abandonar





© Nadia Fagundes



© Arthur Araújo

© Edith Derdyk




© Michele Carolina

Paisagem: como se faz

Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
Vacante, a semear
De paisagem retrospectiva.

A presença da serra, das imbaúbas,
das fontes, que presença?
Tudo é mais tarde.
Vinte anos depois, como nos dramas.

Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe
fibrilhas de caminho, de horizonte,
e nem percebe que as recolhe
para um dia tecer tapeçarias
que são fotografias
de impercebida terra visitada.

A paisagem vai ser. Agora é um branco
a tingir-se de verde, marrom, cinza,
mas a cor não se prende a superfícies,
não modela. A pedra só é pedra
no amadurecer longínquo.
E a água deste riacho
não molha o corpo nu:
molha mais tarde.
A água é um projeto de viver.

Abrir porteira. Range. Indiferente.
Uma vaca-silêncio. Nem a olho.
Um dia este silêncio-vaca, este ranger
baterão em mim, perfeitos,
existentes de frente,
de costas, de perfil,
tangibilíssimos. Alguém pergunta ao lado:
O que há com você?
E não há nada
senão o som-porteira, a vaca silenciosa.

Paisagem, país
feito de pensamento da paisagem,
na criativa distância espacitempo,
à margem de gravuras, documentos,
quando as coisas existem com violência
mais do que existimos: nos povoam
e nos olham, nos fixam. Contemplados,
submissos, delas somos pasto,
somos a paisagem da paisagem.

Carlos Drummond de Andrade
As impurezas do branco
Companhia das Letras, p.47
1994/2002



© Iasdora Cardoso

não nascemos para sobreviver à paisagem, mas à consciência da morte

a súbita intuição do seu limite – essa paisagem que talvez não sobreviva em mim

: o inseto: a flor: a grama

percebem a passagem do meu ser sobre a terra?

essa fatalidade me rende ao desespero,
fecho os olhos, mas a luz me devolve ao corpo que habito

outra vez

Prisca Agustoni
Quimera
Fósforo/Círculo de Poemas, p. 20
2025


HOTE

CONSTRUIR SOBRE RUÍNAS

Ricardo Aleixo
Pesado demais para a ventania
Todavia, p.79
2018

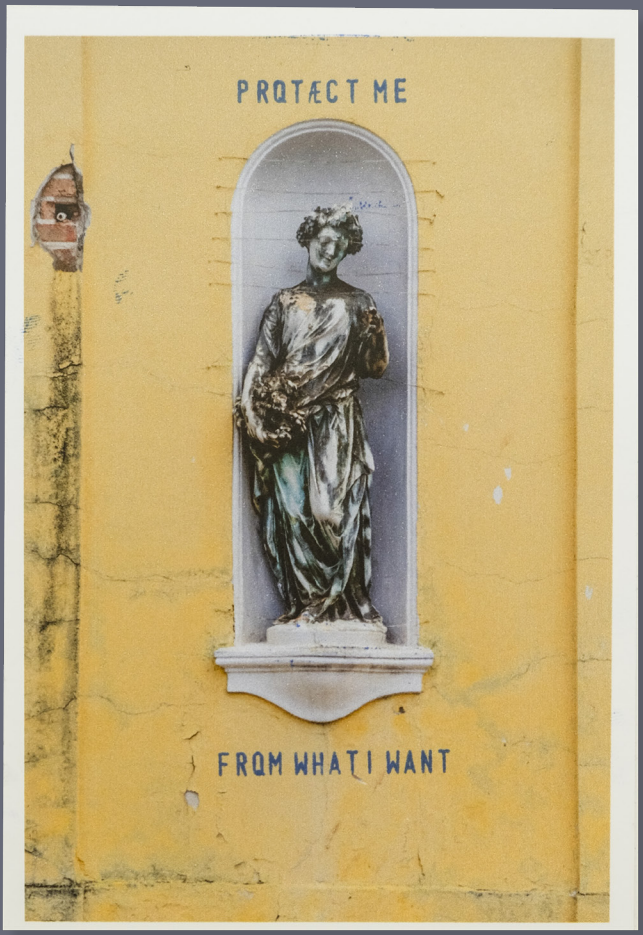
© Rossana di Muno



Escrever
é criar a distância
que apague a própria forma
do nosso corpo

e no silêncio
repouse
o corpo
como na sua nascente

António Ramos Rosa
A intacta ferida
Assírio & Alvim, p. 212
1991/2014



© João Sal



© Arthur Araújo


Parque
JARDIM DA LUZ



© Michele Carolina

O que você faz quando seu mundo começa a ruir? Eu saio para caminhar e, se tiver sorte, encontro cogumelos. Cogumelos me trazem de volta aos meus sentidos, não apenas por suas cores e cheiros exuberantes – como as flores – mas porque surgem inesperadamente, lembrando-me da sorte de estar ali. Então me dou conta de que ainda há prazeres em meio aos horrores da indeterminação.

[...]

Dizem que quando Hiroshima foi destruída por uma bomba atômica, em 1945, o primeiro ser vivo a emergir na paisagem devastada foi um cogumelo matsutake.

Anna Lowenhaupt Tsing
O cogumelo no fim do mundo
N-1 Edições, p. 39, p. 41
Tradução Jorgge Menna Barreto
2022



© Samara Macedo



© Samara Macedo

Quem escreve
quer juntar-se
à pedra
à árvore

e ser através delas
o tranquilo sopro
do inominável

António Ramos Rosa
A intacta ferida
Assírio & Alvim, p. 213
1991/2014

As palavras no centro vazio

Deixa as palavras caírem sobre o chão
vazias
Talvez uma forma silenciosa
se liberte
talvez um gesto em chamas
se levante

O pudor do toque sobre a página
uma colina porosa
lâmpada
onde nada se passa

a não ser que talvez
a língua que se acende
áspera a verde
sobre a sombra
sobre o vento
Talvez o corpo se liberte
das mandíbulas dos insetos
talvez um olho brilhe
nas palavras entre as pedras

Deixa as palavras caírem sobre o muro
talvez elas caminhem

para a única
forma
de silêncio verde

António Ramos Rosa
Boca incompleta
Assírio & Alvim, p. 100
1977/2014



Animal olhar

Meus olhos não fabricam
a realidade ou tu:
limpos barcos,
novidade acesa como a terra viva,
movimento de braços, amálgama
exata duna.

Meus olhos não fabricam mas encontram.

A terra que se enche já vem cheia,
o hálito começa na claridade do céu.
Os homens dançam por vezes.
Este momento é teu.

Ó calmo olhar animal
da terra ao mar, popa
de espuma.
O mundo é natural, ridente, quando o verde rompe,
animal olhar.
Não estou só: porque te acendo entre as pedras,
abarco tua altura larga e teu ombro,
essência da fome visual e braço e nome.
[...]

António Ramos Rosa
Ocupação do Espaço
Assírio & Alvim p. 51
1963/2002



Apreender com as palavras a substância mais noturna
é o mesmo que povoar o deserto
com a própria substância do deserto
Há que voltar atrás e viver a sombra
enquanto a palavra não existe
ou enquanto ela é um poço ou um coágulo do tempo
ou um cântaro voltado para a sua própria sede
Talvez então no opaco encontremos a vértebra inicial
para que possamos coincidir com um gesto do universo
e ser a culminação da densidade
Só assim as palavras serão o fruto da sombra
e já não do espelho ou de torres de fumo
e como antenas de fogo nas gretas do olvido
serão inicialmente matéria fiel à matéria.

António Ramos Rosa
O livro da ignorância
Assírio & Alvim p. 167
1988/2002



© Willian Comin

As árvores falam pouco, já se sabe.
Passam a vida inteira a meditar
e a mexer os seus ramos.
Basta olhar para elas no Outono
quando se juntam nos parques:
só conversam as mais velhas,
as que repartem as nuvens e os pássaros,
mas a sua voz perde-se entre as folhas
e chega-nos muito pouco, quase nada.

É difícil encher um breve livro
com pensamentos de árvores.
Tudo nelas é vago, fragmentário.
Hoje, por exemplo, ao ouvir o grito
de um tordo preto, já a caminho de casa,
grito final de quem não espera outro Verão,
compreendi que na sua voz falava uma árvore,
uma de muitas,
mas não sei o que fazer com esse grito,
não sei como anotá-lo.

Eugenio Montejo
Tiempo transfigurado
(Antología Poética)
Venezuela Universidad
de Carabobo
tradução via Vasco Gato
2002




SENTAR-

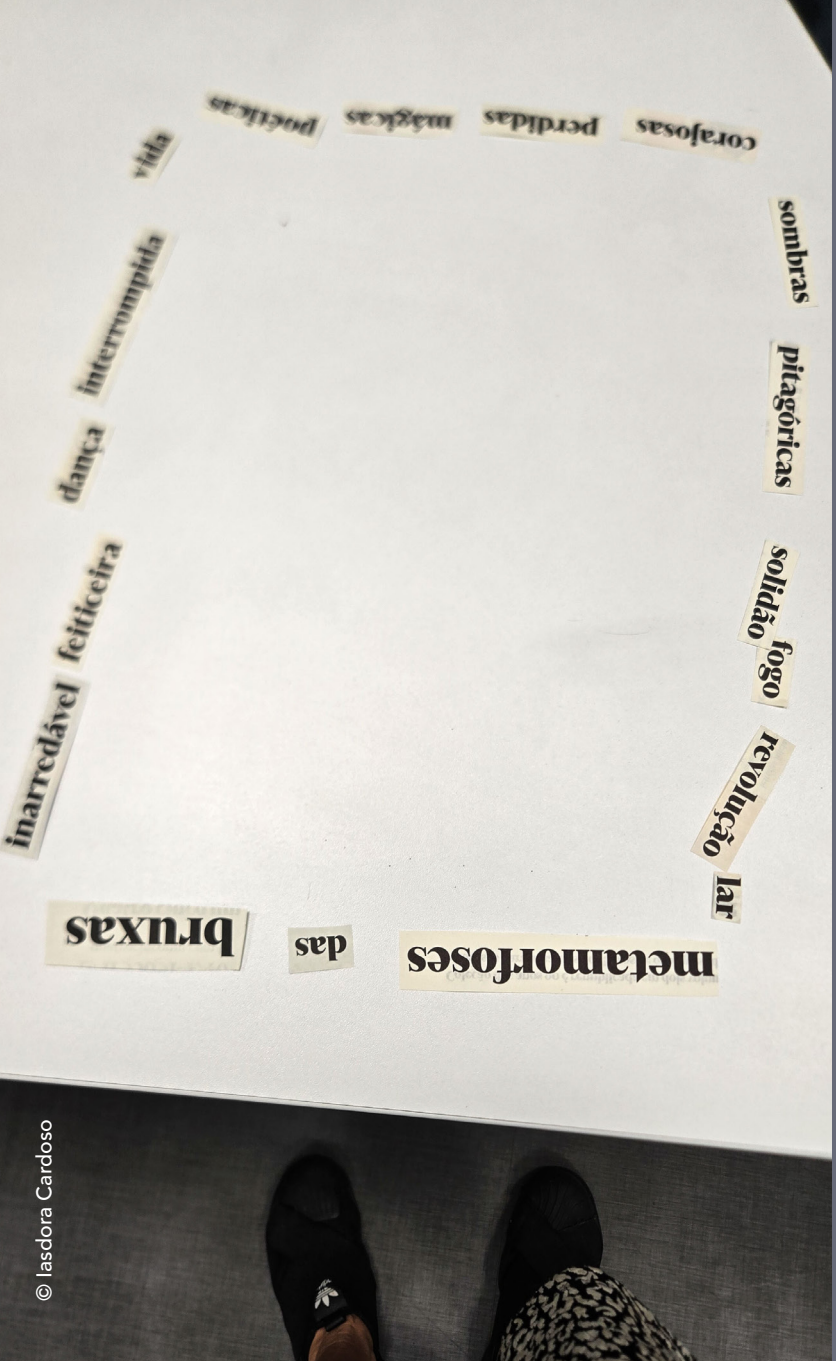
Os pássaros desapareceram no céu
e agora a última nuvem se esvai.

Sentamos juntos, a montanha e eu,
até que resta apenas a montanha.



© Tatiana de Camargo

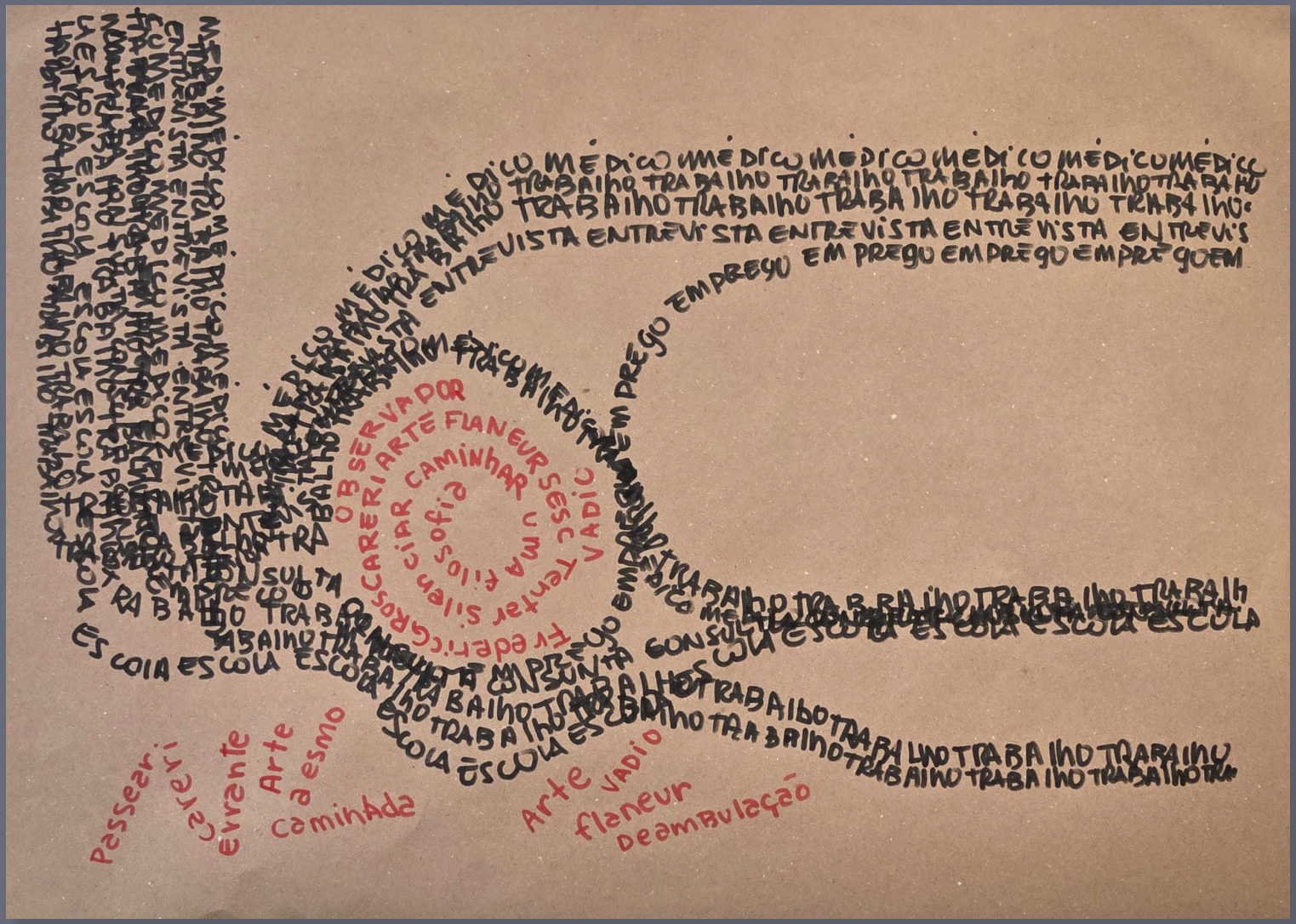
Li Po/Li Bai (nasceu em 701)
Enlightened Heart: an anthology of
sacred poetry
Traduzido para o inglês por Sam Hamill
(livre tradução para o português)
Ed. Harper & Row, 1989



© Iasdora Cardoso

se cato um caco de vidro verde
um fragmento já esquecido da
forma original só um caco sem
qualquer utilidade se pouso
este pedaço de vidro sobre
um livro ou um monte de papéis
o seu peso é o meu peso
a sua importância o seu brilho
opaco o seu alheamento
o seu poder de ferir a sua
recusa em ferir o seu descanso
dominical sobre outro objeto
são meus atributos, eu, um caco
verde, inútil, opaco, importante

Laura Liuzzi
Poema do desaparecimento
Fósforo/ Círculo de Poemas, p. 22
2024



© Willian Comin



Livros ao ar livre

As pessoas na sala de jantar



TERRA EM TRANSE

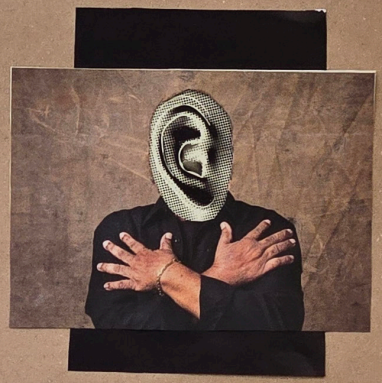
Como nascem



O dia em que meu eu adolescente caiu na real

A música do mundo

SONORAS



resquícios de um sonho de prosperidade que não vingou.

• Os diários de

'Invencionática'

A BELEZA DA CARNE

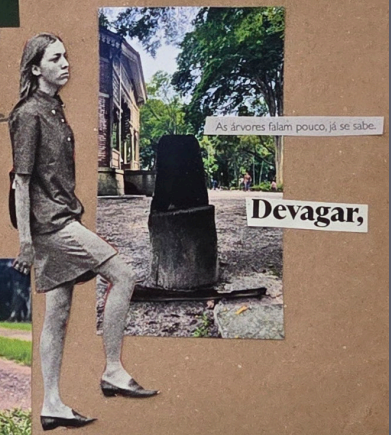
Basta olhar para elas no Outono

É se a cidade

José Nossa?



e nem percebe que as recolhe



As árvores falam pouco, já se sabe.

Devagar,

© Pollyanna Melo

meu poema não se importa se desapareço
o poema pode ser escrito por você
a partir deste ponto este poema é
uma fenda aberta na paisagem
uma mão aberta este poema
abre passagem e é uma oferta
uma fronteira diluída entre eu
e você os olhos e a maçã o céu
e a queda invertida meu poema
não é regido pela lei da atração
não tem gravidade nem peso
este poema não tem direção
não aceita dualismos
em algum momento
inadvertidamente
todas as palavras
que o compõem
irão – é certo –
desaparecer.

Laura Liuzzi
Poema do desaparecimento
Fósforo/ Círculo de Poemas, p. 31
2024


ESTACIONAMENT
ESTACIONE + BARATO


li
mi
tes




Apanhando os sonhos de
palestinos e israelenses


metamorfoses das bruxas
lar
revolução
fogo
solidão
pitagóricas
sombras
inarredável
feiticeira
dança
interrompida
vida
perdidas
corajosas
mágicas
poéticas


PROTECT ME
FROM WHAT I WANT





Livros
ao ar livre
Como nascem
As pessoas na
sala de jantar




Abandonar
escrever na vida


babado
grande
AZUL
pedratinhaumapedra
no


É MINHA CONEXÃO


MÉDICO MÉDICO MÉDICO MÉDICO MÉDICO
TRABALHO TRABALHO TRABALHO TRABALHO
ENTREVISTA ENTREVISTA ENTREVISTA
EMPREGO EMPREGO EMPREGO
OBSERVADOR
CAMINHAR
FLANEUR
ARTE
VADIO
ESCOLA ESCOLA ESCOLA
Passear
Caminhada
Arte
Flaneur
Deambulação
...
Gente, vamos lá! Então é isso aí! Tentar silenciar. Tum tûm. Pâm pam pam pâm! Atencão! As bilhete rias desta estação funcíom das 6 as 22hs. Você pode comprar seu billete pelo aplicativo top, Whats App ou nas máquinas de auto atendimento. Nossa mais uma. Eu contei 12. A pessoa mais próxima. Fazer uma lista, mas ela Ficou. A gente é um cardume como se fosse. É cabelo, água, água gelada, àgua, coca, água, água gelada, coca água. Tem na esquerda tbm Fábro! Camiseta, ótica, cabelo natural, cabelo humano. O'o cabelo! Concerto de celular. Ótica armação, Olle a Roupa! Troca de tela na lora. Fantasia moço. Exame de vista faz a lente! Pedrarias e miçangas. Brum! Brum!!! coff! Coff! Bom dia! Qual seria Princesa? Casamento tenho tudo! Lembrancinhas
...


A UM CORAÇÃO
NOITE NO MAR






Liga de Caminhantes | Palavras Andantes (3° edição)

concepção e curadoria. Edith Derdyk

"Anotar o espaço, metamorfosear o espaço"

do Tamanduateí ao Parque da Luz

participantes:

Ana Carolina Matsusaki

Arthur Araújo

Camila Garcia

Elaini Cristina da Silva

Isadora Costa Cardoso

João Sal

Lucia Ishikawa

Michele Carolina

Nádia Fagundes

Pollyanna Melo

Rossana di Munno

Samara Macedo

Tatiana de Camargo

Wilian Comin e Silva

Ana Estaregui | Inês Bonduki

Sesc CPF • 2025



